Um lampião ainda ilumina a esquina[70]

Lucas Lustosa de Brito[71]
João Lúcio Mariano Cruz[72]
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: O documentário *Lampião da Esquina* retrata a trajetória do jornal homônimo, que circulou de 1978 a 1981, editado por *gays* em diálogo com lésbicas, travestis, pessoas negras e feministas. Utilizamos como metodologia a Análise Fílmica para alcançar como este filme retrata o debate das sexualidades em intersecção com outros marcadores da diferença. Encontramos pistas para avançar o diálogo entre grupos subalternizados na busca por cidadania.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Dialogicidade. Cidadania.

Introdução

Lampião da Esquina é um documentário brasileiro produzido pela produtora brasileira independente de conteúdo multimídia e audiovisual *Doctela* e pelo *Canal Brasil*, pertencente ao *Grupo Globo*. A produção versa sobre um dos primeiros impressos jornalísticos escritos por *gays* e dirigido para *gays* no Brasil, o jornal *Lampião da Esquina*, que circulou em território nacional de 1978 a 1981. Lançado em agosto de 2016, no Festival Internacional de Documentários *É tudo verdade*, o filme é dirigido pela cineasta Lívia Perez, que se destacou por dirigir o premiado documentário *Quem Matou Eloá?*[73].

[70] Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

[71] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: lucaslustosab@gmail.com

[72] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: joaolmcruz@gmail.com

[73] *Quem matou Eloá?* (2015) traz uma análise crítica sobre a espetacularização da violência e a abordagem da mídia nos casos de violência contra a mulher. Recebeu as seguintes premiações: Melhor Filme, Melhor Roteiro (Lívia Perez), Melhor Montagem (Lívia Perez e Cristina Muller) e Melhor Primeiro Plano - Primeiro Plano; Prêmio Eder Mazini de Montagem - Memorial do Cinema Paulista; Melhor Curta-metragem (Júri Jovem) - VII CachoeiraDoc Festival de Documentários de Cachoeira; 10+ Favoritos do Público - 27º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo; Melhor Curta-metragem Nacional e Menção Honrosa de filme para reflexão - 9º Festival de Cinema de Triunfo; Melhor Curta Documentário – GENII Awards, Alliance for Women in

A partir do documentário *Lampião da Esquina*, em seu retrato do jornal de mesmo nome, buscamos investigar em que medida diferentes movimentos sociais que reivindicam cidadania podem estabelecer diálogos que fortaleçam o processo de construção da cidadania. Nesse sentido, nosso objetivo central é encontrar nesta produção audiovisual pistas sobre como se articularam múltiplos marcadores da diferença durante a existência do jornal.

Assim, partimos da hipótese de que o referido jornal foi uma plataforma capaz de estabelecer diálogos entre movimentos homossexuais, negros e feministas. Esperamos encontrar na experiência deste veículo de comunicação, registrada nas cenas do documentário, pistas para avançar na compreensão dos atuais desafios de diálogo entre grupos subalternizados na construção da cidadania.

Para tanto, nos fundamentamos na perspectiva dialógica proposta por Paulo Freire (2015), que traça as bases de uma comunicação transformadora do mundo social, capaz de emancipar os sujeitos que dialogam. Essa é a definição do sentido de diálogo que procuramos nos ater. Nossas observações iniciais apontam que esta comunicação é capaz de repercussão na cidadania de grupos subalternizados (Spivak, 2010) – uma cidadania em construção (Manzini-Covre, 1995).

Além disso, as tentativas de diálogo entre homossexuais, mulheres e pessoas negras na busca pelo fortalecimento da cidadania podem revelar opressões intercruzadas. Por isso, observar este diálogo implica reconhecer os marcadores sociais da diferença interagindo entre si. Nesse ponto consideramos essencial observar a interseccionalidade entre eles. Por isso, nos orientamos em Avtar Brah (2006).

Metodologia

Com o intuito de perscrutar o documentário, utilizamos a Análise Fílmica, amparados em Mombelli e Tomaim (2014), como metodologia para a compreensão de como elementos presentes neste filme podem revelar o ponto de vista da diretora sobre um jornal editado por

Media Southern California; Melhor Filme (Categoria Mulheres) - IX Encuentro Hispanoamericano De Cine Y Video Documental Independiente “Contra El Silencio Todas Las Voces”; Melhor Curta-metragem - ATLANTIDOC Festival Internacional de Cine Documental de Uruguay e Melhor Curta Paulista - Semana Paulistana do Curta-metragem.

gays que, nossas observações iniciais indicam, estabeleceu diálogos com feministas, pessoas negras, lésbicas e travestis.

Por se tratar de um método interpretativo sem formulação única, focamos na narrativa do filme e sua composição enquanto produto final, como forma de abordar pistas do ponto de vista da diretora sobre o intercruzamento de marcadores de diferenças no jornal Lampião da Esquina.

Para realizar a análise fílmica, consideramos aspectos internos e externos ao filme. Os internos se referem aos elementos da linguagem audiovisual que darão forma ao produto. Já os externos estão ligados às temporalidades (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 3).

Uma história documentada: análise interna

Os aspectos internos analisados neste trabalho descrevem informações técnicas do filme, sua estrutura estética, as composições dos planos trabalhados, ou seja, os elementos que o caracterizam como uma obra dinâmica e atrativa. A desconstrução destes elementos constitutivos da obra é fundamental neste momento da análise:

> É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente "a olho nu", pois é se tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para "desconstruí-lo" e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. (Vanoye, Goliot-Leté, 2002, p.15).

Para iniciar este processo de descostura da produção audiovisual, em um primeiro momento trazemos a ficha técnica do filme com o objetivo de destacar os elementos internos que o construíram. *Lampião da Esquina* é uma obra de gênero cinematográfico conhecido como documentário, que foi dirigido e roteirizado pela cineasta Lívia Perez, e, como já foi dito, co-produzido pela *Doctela* e *Canal Brasil*. Produzido e lançado em 2016, o filme tem uma hora e vinte e cinco minutos de duração, registrados em cor, com idioma original em português (brasileiro).

Além disso, o documentário traz entrevistas com Aguinaldo Silva, Alceste Pinheiro, Antonio Carlos Moreira, Celso Curi, Dolores Rodrigues, Edy Star, Glauco Mattoso, João Carlos Rodrigues, João Silvério Trevisan, Laerte Coutinho, Leci Brandão, Luiz Carlos Lacerda, Ney Matogrosso, Peter Fry e Winston Leyland. Desse modo, a produção registra

nomes importantes para a formação do movimento LGBTI no Brasil, como alguns editores do jornal Lampião da Esquina, entre eles João Silvério Trevisan, um dos fundadores do *SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual*, o primeiro coletivo LGBTI a se formar no Brasil.

Logo de início, a obra situa o espectador no espaço/tempo em que o jornal foi lançado ao público. A primeira cena do documentário, em que uma repórter entrevista pessoas aleatórias na rua, traz como cenário o Brasil do início dos anos 1980. A primeira questão levantada pela repórter às pessoas entrevistadas indaga a opinião delas sobre assassinatos de pessoas homossexuais ou travestis. Este tema, segundo a repórter, estava sendo pautado nos noticiários da época. As pessoas entrevistadas fazem declarações, registradas nas cenas, de aceitação da violência contra homossexuais, e alguns relatos incentivam, inclusive, a prática de assassinatos de travestis e homossexuais.

Trazer esse registro das opiniões públicas, do início da década de 1980, ajuda a contextualizar o período e compreender o imaginário da época sobre pessoas LGBTI. Isso é uma característica fundamental para uma obra não-fictícia. Explorar o contexto real e colher falas de pessoas reais são aspectos que reafirmam o caráter experimental do documentário.

> [...] os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social (Nichols, 2005, p. 73).

Após este momento inicial que faz um recorte da década de 1980 no Brasil, o documentário intercala falas de ativistas homossexuais que militaram no período, que participaram daquele momento histórico. Ricoeur (2007, p. 170) aponta o testemunho de diferentes formas, uma delas é o atuante que diz que "eu estava lá", sendo uma fala da "realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais de ocorrência" (Ricoeur, 2007, p. 172).

No filme temos dois tipos testemunhos, observados da perspectiva de Benveniste (1995, p. 278): o *testis*, que é aquele testemunho emitido por quem presenciou o fato enquanto terceiro, e o *superstes*, que é aquele relatado por quem viveu diretamente o fato. À exemplos dos testemunhos de Laerte Coutinho, enquanto contemporânea do jornal *Lampião*, mas não participante do jornal, ou seja, testemunho *testis*; e de Aguinaldo Silva, enquanto atuante na realidade da gazeta, ou seja, testemunho *superstes*.

Os testemunhos são dispostos na obra seguindo uma linha cronológica da existência do jornal. Por meio deles, são apresentados os contextos de pré-criação, criação, desenvolvimento e fim do jornal, complementados por artifícios de efeitos especiais visuais e sonoros. Isso confere ao documentário uma linguagem estética fluída, com testemunhos apresentados com recursos visuais de animação sobre imagens originais, e recursos sonoros ancorando cenas.

Os planos de captação dos testemunhos dos jornalistas que faziam parte do conselho editorial do jornal seguem em primeiro plano, mudando apenas o cenário de um para outro. Apenas o plano do cantor Edy Star é outro. Ele dá o testemunho em pé, com uma postura mais informal, traduzindo a personalidade mais expansiva e artística própria e também o que caracteriza o aspecto informal e despretensioso do seu testemunho enquanto *tetis*[74].

A estética dos efeitos especiais também chama bastante atenção por se basear em elementos gráficos do jornal. Os efeitos especiais se valem de recortes de imagens e recortes de manchetes, de maneira dinâmica para ilustrar as falas do elenco, e fazendo o uso de cores vivas/intensas para grifar os trechos do jornal. O uso de uma paleta de cores diversas nos efeitos especiais é sugestivo para a bandeira LGBT que assume todas as cores como forma de representatividade da diversidade sexual e de gênero.

Descortinando o documentário: aspectos externos

Penafria (2009, p. 07) diz que a análise externa "considera o filme enquanto resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico", o que implica esmiuçar os aspectos externos em que a produção surgiu.

O documentário *Lampião da Esquina* foi produzido em 2015 buscando a memória de um veículo da imprensa alternativa do final da década de 1970. Ou seja, entre o lançamento do filme e o surgimento do jornal há uma distância de mais de 35 anos. Por lógica, são produtos de contextos históricos distintos. Para além de uma maior visibilidade do tema das diferenças na pauta midiática contemporânea, o que teria sido determinante, então, para a produtora escolher este objeto fílmico?

[74]Aquele que assiste um fato enquanto terceiro.

Pela narrativa do documentário acreditamos ter encontrado algumas pistas. Podemos inferir que a produção buscou resgatar a memória do surgimento do movimento LGBT no Brasil com o intuito de visibilizar para um público mais jovem o processo de emancipação das demandas LGBTs no Brasil. Nesse sentido, o acesso à história, e as pessoas que a construíram, é essencial para a compreensão de como chegamos até aqui.

Outra pista que inferimos está relacionada ao resgate que a produção do filme faz de uma proposta interseccional nas lutas emancipatórias. Desse modo, buscou-se uma experiência do movimento LGBTI em que se pudesse observar sua aliança com movimentos de mulheres e movimentos negros.

Julgamos necessário, assim, acessar também o contexto em que o jornal circulou para fazer esse exercício de referenciação, ressalvando, no entanto, as especificidades dos contextos para evitar incorrer em risco de anacronismo.

O jornal retratado pelo documentário surgiu no contexto de uma ditadura militar, momento em que o Estado executava uma política de censura à mídia e à liberdade de expressão de maneira taxativa. *Lampião* era um jornal que abordava temas que tocavam a comunidade homossexual, e, por conta dos processos de marginalização contra esta comunidade, era considerado como material subversivo pelo regime totalitário.

O filme em análise tem um papel importante no resgate da construção histórica dos movimentos LGBT no Brasil, especialmente em sua configuração enquanto movimentos identitários. Para esta localização espaço-temporal, a sua narrativa expõe o contexto social e político em que o jornal *Lampião da Esquina* estava inserido no fim da década de 70 e início dos anos 80.

Esta historicização nos estimula a analisar de maneira mais reflexiva a função do jornal *Lampião da Esquina* para a discussão interseccional entre sexualidades e outros marcadores sociais da diferença. Há que se datar, portanto, o jornal como um dos primeiros veículos que discutiram assuntos significativos para a cidadania da comunidade LGBT no Brasil, bem como pautas dos movimentos feministas e negros, estimulando, em seu curto período de vida, resistência e busca por visibilidade.

Importante observar ainda que os editores do jornal transgrediram a norma sexual da cena intelectual do país ao afirmarem sua identidade homossexual. Por meio de um veículo de comunicação, expuseram seus 11 nomes, conhecidos no contexto intelectual do país à época,

ao julgamento moral da época. Buscaram, assim, "tirar do armário" não suas sexualidades, mas os temas do cotidiano homossexual, a própria visibilidade da causa homossexual.

Nesse sentido, a fala de João Silvério Trevisan traduz muito bem esta busca por visibilidade que o *Lampião* buscava:

> Um é professor na Unicamp, o outro é professor na ECA, o outro é um escritor, o outro é um artista plástico famoso, o outro é um jornalista famoso no Rio, e são todos 'veados', foi a primeira coisa que nós queríamos, confrontar a invisibilidade e dizer: estamos aqui isto é parte do Brasil. (Transcrição de fala de João Silvério Trevisan, 2016, 08min15s).

Por este lado, observamos que o *Lampião* vem de um contexto de resistência e luta pela visibilidade homossexual. Lido como um jornal polêmico, abordava em suas matérias temas tabus para a sociedade, como a matança de *gays*, aborto, prostituição, entre outros. Mesmo sendo um periódico marginalizado, os seus leitores aumentavam exponencialmente pelo Brasil.

Winston Leyland, escritor e editor do jornal norte-americano *Gay Sunshine*, aparece no filme indicando ser este representante da imprensa *underground* estadunidense uma inspiração à criação do *Lampião* no Brasil. *Gay Sunshine* era um jornal que dialogava com o *Lampião,* apesar de estar em contextos sociais diferentes. O jornal “gringo” era baseado em São Francisco, local onde a visibilidade e respeito à comunidade homossexual estava em um estágio muito diferente da conjuntura social em que o Brasil se encontrava quando do surgimento do *Lampião*. Winston ainda relembra em suas falas que existia uma comunicação com os editores do *Lampião*, havendo um intercâmbio de ideias.

Outro ponto observado no registro do documentário, determinante para o fechamento do jornal, foram as divergências políticas internas no corpo editorial. Nos bastidores da redação haviam diferenças ideológicas. O documentário conseguiu abordar essa rivalidade entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan, apresentados como expoentes dessas divergências. Os temas de discussão dos articuladores de São Paulo, representados por Trevisan não iam de encontro aos temas propostos pelos articuladores do Rio de Janeiro, representados por Aguinaldo.

Outras divergências registradas pelo documentário nos trazem mais elementos para se pensar as alianças entre grupos emancipatórios diferentes. Alguns testemunhos, como o de Leila Miccolis apresentam os limites internos no jornal de representatividade em relação a

outros marcadores da diferença: "O Lampião era um jornal de homens gays feito para homens gays, apesar de ter uma abertura para outros movimentos. [...] Em uma entrevista em que eu fazia uma pergunta, e um outro fazia outra pergunta, a minha ia para as corjas. Na verdade as mulheres eram: eu, eu e eu." (Transcrição de fala de Leila Miccolis, 2016, 50min25s).

Por outro lado, o filme traz uma entrevista com o jornalista e escritor João Carlos Rodrigues, que revela uma aproximação positiva entre movimentos negros e movimentos homossexuais, por meio do convite a Abdias Nascimento participar de uma entrevista:

> O Abdias era tido como um líder muito radical, e muito influente. Se o Abdias não quisesse, ou não desse o aval, digamos assim, iria prejudicar muito a aproximação entre os lados. O Abdias foi um ato de inteligência não só do Lampião, como do Abdias. Ele não demonstrou nenhum problema, o menor preconceito, foi uma entrevista. (Transcrição de fala de João Carlos Rodrigues , 2016, 48min52s).

Sem o aceite de Abdias Nascimento à entrevista, o *Lampião* não conseguiria se firmar como um veículo aberto às outras diferenças. Além disso, como relatado na fala, tratava-se de uma aproximação mútua, onde os dois movimentos fortaleceriam suas reivindicações por cidadania.

Conclusão

Compreender até que ponto as diferenças operaram na redação do Lampião, por meio do documentário analisado, passa por enxergar os limites de representação internos ao jornal. Nesse sentido, a constituição da discriminação ou das opressões não consegue ser explicada apenas em termos de uma única identidade. Brah (2006, p. 351) afirma que "estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como 'variáveis independentes' porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra - é constituída pela outra e é constitutiva dela". Nesse caminho, Brah (2006, p. 361) nos pergunta, por exemplo:

> Como lidar com o racismo de uma feminista, a homofobia de alguém sujeito ao racismo, ou até o racismo de um grupo racializado em relação a outro grupo racializado, cada um supostamente falando a partir do ponto de vista de sua experiência, se toda experiência refletisse de maneira transparente uma dada 'verdade'?

Para pensar estes conflitos nas práticas culturais e nas políticas cotidianas, Brah sugere que devemos pensar a diferença a partir da experiência. "De fato, 'experiência' é um processo

de significação que é a condição mesma para a constituição daquilo que chamamos 'realidade' (Brah, 2006, p. 360)".

Assim, para a autora, a experiência é o lugar de formação do sujeito, e, portanto, um lugar de contestação: "um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas" (Brah, 2006, p. 361). Nesse caminho podemos pensar a múltipla constituição de experiências e sujeitos como terreno fértil para se pensar em formas democráticas de agência política.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*: Poder, Direito, Religião. Vol. 2. Tradução: Denise Bottman. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. In: Cadernos Pagu, Campinas, nº26, 2006, p. 239-76.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. *Análise fílmica de documentários*: apontamentos metodológicos. In: Lumina, vol. 8, nº2, dez. 2014.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

NICHOLS, Bill. *Introdução do documentário.* Campinas, SP: Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. *Anais eletrônicos...* Lisboa SOPCOM, 2009. Disponível em: http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf. Acesso em: 02 de nov. de 2017.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al.. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica.* Tradução: Marina Appenzeller. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2002.